

CAPÍTULO 1.

A PROVA DA EXISTÊNCIA DAS PERCEPÇÕES INCONSCIENTES

Se considerarmos, de acordo com Leibniz, que existe uma série de percepções em nós, seres humanos, das quais *não nos damos conta*, cabe interrogar: Como podemos saber de sua existência? Ou mais exatamente: Como podemos saber da existência do objeto que é percebido desta maneira se as percepções inconscientes são exatamente aquelas pelas quais não nos damos conta da existência do objeto?

De acordo com Leibniz, podemos saber da existência de elementos inconscientemente percebidos pela alma devido aos **efeitos** que se depreendem por conta de sua presença. É o que Leibniz chama de *indícios* ou *conseqüências certas* que comprovam de modo *a posteriori* a existência desses elementos inapercebidos, e, conseqüentemente, a existência das percepções inconscientes: “Existe um sem-número de percepções pouco notadas, que não distinguimos suficientemente para que possamos percebê-las ou recordar-nos delas, que porém se fazem conhecer através de conseqüências certas” (NE, II.i.§10, p.89).

De resto, existe uma série de indícios que nos autorizam a crer que existe a todo momento uma infinidade de percepções em nós, porém sem apercepção e sem reflexão: mudanças na própria alma, das quais não nos apercebemos, pelo fato de as impressões serem ou muito insignificantes e em número muito elevado, ou muito unidas, de sorte que não apresentam isoladamente nada de suficientemente distintivo; porém, associadas a outras, não deixam de produzir o seu efeito e de fazer-se sentir ao menos confusamente (NE, Pref., p.41).

E quais são esses efeitos que se ligam a elementos percebidos inconscientemente por nosso espírito? Mais adiante veremos que muitas são as conseqüências ligadas à existência dos objetos percebidos inconscientemente pela alma. Principalmente as que se relacionam com os objetos inatos do entendimento puro, condizentes com o conhecimento, a moral e a psicologia. Por isso, neste capítulo, nos restringiremos a alguns outros efeitos, de natureza empírica, onírica e reminisciva, que também comprovam a existência dessas percepções.

SECÇÃO 1.

PROVA PELOS EFEITOS EMPÍRICOS

A princípio, quando escutamos a música de uma orquestra, temos a sensação de estarmos ouvindo o som de todos os instrumentos. E, a bem dizer, nem pensamos exatamente nisso, mas apenas aceitamos prazerosamente aquilo que nos entra pelos ouvidos. Todavia, se prestarmos atenção e dirigirmos nosso olhar para os

músicos, que tão harmoniosamente desenvolvem a peça musical, certamente nos surpreenderemos com o grande número e a variedade de instrumentos que compõem o quadro da orquestra, dos quais não havíamos nos dado conta. E nos surpreenderíamos ainda mais se, tirando os olhos da orquestra, fracassássemos em diferenciar e contar o número dos instrumentos presentes apenas pelo som final que ouvimos.

Ora, se agora compusermos as informações que nos vêm dos olhos e dos ouvidos, **forçosamente** teremos de admitir que o efeito sonoro produzido pela orquestra guarda muito mais informações do que nós podemos conscientemente distinguir pela simples audição. Deste modo, aqueles instrumentos devem estar nos afetando de alguma maneira e produzindo o som final que ouvimos, apesar de não termos consciência dessas afetações. Logo, é forçoso concluir que existem objetos não apercebidos que estão nos afetando de alguma forma, pois existem efeitos apercebidos dos quais não deslindamos todas as causas, apesar dessas causas terem de estar operando na sua produção.

Exatamente o mesmo acontece quando passeamos pela orla do mar e escutamos o bramido das ondas chocando-se contra a água e contra a areia da praia. Leibniz afirma: um som que apercebemos em totalidade, mas que, de fato, é composto de inúmeros outros sons, relativos a inúmeras ondas pequeninas cuja existência não conseguimos divisar pela simples audição: “ao passar pela orla do mar e ouvir o estrondo que produz, ouço os ruídos particulares de cada onda de que é composto o ruído total, porém sem discerni-los” (PNG, §13, p.55).

Para melhor julgar sobre as pequenas percepções que somos incapazes de distinguir em meio à multidão delas, costumo utilizar o exemplo do bramido do mar, que nos impressiona quando estamos na praia. Para ouvir este ruído como se costuma fazer, é necessário que ouçamos as partes que compõem este todo, isto é, os ruídos de cada onda, embora cada um desses pequenos ruídos só se faça ouvir no conjunto confuso de todos os outros conjugados, isto é, no próprio bramir, que não se ouviria se esta onda que o produz estivesse sozinha. Com efeito, é **necessário** afirmar que somos afetados, por menos que seja, pelo movimento desta minúscula onda, e que temos alguma percepção de cada um dos seus ruídos, por menores que sejam; se assim não fosse, não teríamos a percepção de cem mil ondas, pois cem mil ondas nunca poderiam produzir alguma coisa (NE, Pref., pp.41-2).

Um outro efeito empírico importante, que mostra a existência das percepções inconscientes, é o despertar de uma pessoa por força de um ruído qualquer quando está dormindo. Ora, se ela estava dormindo, é certo que não poderia ter mesmo

nenhuma consciência do som⁴⁵. Contudo, e apesar disso, ela é despertada. Logo, forçosamente temos de admitir que ela foi afetada pelo som, mas, de maneira inconsciente: “Jamais dormimos tão profundamente que não tenhamos algum sentimento fraco e confuso; e jamais seríamos despertados pelo maior ruído do mundo, se não tivéssemos alguma percepção do seu início, que é pequeno” (NE, Pref., p.42)⁴⁶.

SECÇÃO 2. PROVA PELAS LEMBRANÇAS INVOLUNTÁRIAS E PELOS SONHOS

A presença de elementos inconscientemente percebidos na própria alma causam efeitos que permitem a Leibniz provar sua existência. São os efeitos relativos à associação involuntária das idéias, tanto nos sonhos quanto em vigília, e aqueles relativos às lembranças involuntárias.

Os primeiros efeitos, relativos à associação das idéias quando estamos dormindo, são obviamente produzidos por elementos não apercebidos, pois, quando dormimos, estamos inconscientes. De onde Leibniz concluirá que não apenas existem idéias em nós das quais não nos damos conta, retidas na memória, mas, também, que o próprio espírito opera por si mesmo de modo independente do fato de nós estarmos ou não conscientes disso: “as combinações que a natureza não fez podem produzir-se em nós, por assim dizer, por si mesmas nos sonhos e nos devaneios, pela simples memória (...) quando vemos em sonhos palácios dourados, sem termos pensado neles antes” (NE, II.xxii.§9, p.167).

A associação involuntária das idéias e as lembranças involuntárias quando estamos despertos, também provam a existência das percepções inconscientes, pois são acontecimentos que se formam em nós independentemente de nossa vontade e, por isso, de nossa consciência. São efeitos produzidos por elementos inconscientemente percebidos.

De acordo com Leibniz, esses efeitos se aproximam bastante daquilo que os alemães chamam de *fliegende Gedanken*. Literalmente: pensamentos muito rápidos (que passam voando). Ou, mais exatamente, pensamentos volantes, que vêm e vão,

⁴⁵ Leibniz diz que o sono representa uma cessação das sensações, i.e., das percepções claras que permitem à alma se dar conta daquilo que a afeta desde o exterior material: “Só podemos distinguir os sonhos das sensações pelo fato de que eles não estão ligados com elas, é como um mundo à parte. O sono representa uma cessação das sensações” (NE, II.xix.§1, p.127).

⁴⁶ “Sempre temos algum fraco sentimento quando dormimos, mesmo quando não sonhamos. O próprio acordar indica isto: quanto mais facilmente somos acordados, tanto mais temos o sentimento do que acontece fora” (NE, II.i.§13, p.91).

aparecem e desaparecem para a nossa consciência, de maneira absolutamente involuntária:

De resto, ocorrem-nos pensamentos involuntários, em parte de fora, pelos objetos que atingem os nossos sentidos, em parte de dentro de nós, devido as impressões (muitas vezes insensíveis) que restam das percepções precedentes que continuam a sua ação e que se mesclam aos que vem de novo. Somos passivos quanto a isso, e mesmo quando estamos em vigília; imagens (sob as quais compreendo não somente as representações das figuras, mas também as dos sons e de outras qualidades sensíveis) nos ocorrem, como nos sonhos, sem serem chamadas. A língua alemã as denomina *fliegende Gedanken* como quem dissesse pensamentos volantes, que não estão sob o nosso poder, e nos quais existem as vezes muitos absurdos que produzem escrúpulos às pessoas de bem e quebra-cabeças aos casuístas e diretores de consciência (NE, II.xxi.§12, p.139).

Deste modo, é forçoso admitirmos que existem objetos dentro e fora da alma dos quais ela não se apercebe, mas que podemos saber que existem por meio dos efeitos que produzem.

SECÇÃO 3. ALGUMAS CONCLUSÕES QUE SE SEGUEM DESTAS PROVAS

Comprovada a existência das percepções inconscientes, Leibniz derivará algumas conclusões que serão importantes para as análises posteriores que apresentaremos:

1. No que diz respeito aos efeitos empíricos, a conclusão mais importante desenvolvida por Leibniz será aquela a que de certa forma já aludimos, quando, no exemplo da orquestra, dissemos que as informações que nos vinham pela vista eram mais numerosas que as informações que nos vinham pelos ouvidos, ou seja: tudo aquilo que é apercebido guarda uma série de coisas não apercebidas. Leibniz nos diz: “aquilo que é notável deve ser composto de partes que não são notáveis” (NE, II.i.§18, p.93).

Segue-se desta conclusão uma outra que será importante para o exame que faremos sobre a Física e a Metafísica de Leibniz, a saber: se toda percepção sensível corresponde a uma afetação material no corpo, e se existem percepções notáveis compostas de partes não notáveis, então, na própria matéria que afeta o corpo, deve existir essa composição de partes não notáveis naquilo que é percebido com clareza. E, como essas partes também são materiais, elas mesmas também devem ser compostas de outras partes, ao infinito.

2. No que diz respeito aos efeitos relativos às lembranças involuntárias e aos sonhos, Leibniz concluirá que se existem idéias em nós das quais não nos damos

conta, mas que devem estar presentes no espírito para responderem pelos nossos sonhos e recordações, então, da mesma maneira, podem existir em nós idéias e verdades inatas das quais não nos damos conta:

Filaleto - Concordei convosco que podemos ter na alma aquilo que não percebemos nela, pois não nos recordamos sempre, num dado momento, de tudo aquilo que sabemos; entretanto, é necessário sempre que o tenhamos aprendido, e que uma vez o tenhamos conhecido expressamente (...). // Teófilo - Por que razão isso não poderia ser devido a uma outra causa, como, por exemplo, que a alma pode ter em si mesma esta coisa, sem se dar conta? Com efeito, já que um conhecimento adquirido pode estar oculto pela memória - como vós mesmo reconheceis -, por que razão a própria natureza não poderia ter escondido na alma algum conhecimento original?" (NE, I.i.§5, p.62).

Os capítulos sobre o conhecimento, a moral e a psicologia seguem-se desta última conclusão. O capítulo relativo à física e à metafísica de Leibniz segue-se das duas primeiras.